

O CONECTIVO “E” E O TRAVESSÃO COMO TRAÇO DE ESTILO EM *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*, DE GRACILIANO RAMOS

The connective “and” and the dash as a stylistic trait in *Memoirs of Prison* by Graciliano Ramos

Erick Bernardes (FFP-UERJ)
Raquel Sampaio dos Santos (FFP-UERJ)

Resumo

Este artigo baseia-se na escrita de Graciliano Ramos, mais especificamente em *Memórias do cárcere* (2011), tendo, como tema central, o traço estilístico voltado para o emprego do conectivo “e” que é posposto ao travessão, bem como para as variadas facetas que as suas utilizações assumem. Toma-se, como meta investigativa, o aspecto adversativo e o consecutivo que cobrem o termo “e”, o qual é tradicionalmente considerado como uma conjunção aditiva. Soma-se a isto, a atenção voltada para o emprego constante do “e” juntamente com o travessão (—), no intuito de conotar certa ênfase ou realce de enredo autobiográfico. Considera-se o conectivo “e” (juntamente ao travessão) como um artifício de composição textual usado para separar expressões ou frases explicativas no manejo da autorreferencialidade, já que se trata de uma autobiografia.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; *Memórias do cárcere*; Conectivos.

Introdução

Não é raro nos depararmos com opiniões ou comentários acerca da obra do escritor Graciliano Ramos. Há quem considere o seu estilo conciso ou econômico no exercício da escrita, outros o referirão como artista elíptico e pouco afeito a floreios estilísticos tanto em seus textos jornalísticos quanto em suas prosas ficcionais. A esse respeito da estética de Ramos, a professora e ensaísta Ana Resende Chiara (2003, p. 25) chamará de “estilema” a “secura estilística” conotativa da postura existencial que é peculiar ao autor. Antonio Candido referirá a essa “vocação para a brevidade e o essencial” como a “busca do efeito máximo por meio dos recursos mínimos” (2012, p. 21). Avultam referências aos traços estéticos do autor de *Vidas secas*, dentre os quais geralmente se mostram, de alguma forma, relacionados à aridez dos mundos literários, os quais o autor reconfigurou a partir do Sertão nordestino, bem como aos seus personagens algumas vezes rústicos e lacônicos, confundindo vida e obra com base na linguagem elíptica que é peculiar a Ramos. No entanto, raríssimas vezes, essas referências à estética de Graciliano Ramos revelam o motivo subjacente ao seu fazer literário, a saber: a recusa ao uso largo dos conectivos oracionais, sejam eles conjunções sejam preposições. Porém, em contrapartida, um dado relevante surge a nossa vista, isto é, há

frequente utilização do conectivo “e”, revelando preferência pela comprovação do largo uso do termo e seus múltiplos investimentos de sentido em *Memórias do cárcere*.

1. Pressupostos teórico-metodológicos

Essa preferência (ou gosto) pelo conectivo “e” na obra de Graciliano Ramos mostra-se tão recorrente no discurso autoconfessional, que o estudioso do assunto não deve abrir mão desse elo de ligação textual. Há também, especialmente, nas *Memórias do cárcere*, um amplo emprego do sinal gráfico (ou de pontuação) que é o travessão. E, além disso, percebe-se um ponto fulcral ligado ao estilo do artista quando observamos o recurso estético baseado no emprego do conectivo “e” posposto ao travessão, incluindo, aí, as múltiplas facetas que este artifício linguístico assume. Sendo assim, baseados na afirmação de Chaves (2011), de que a “valorização das conjunções é importante, porque é uma das marcas discursivas que demonstra sentido e que, por isso, reflete o estilo do autor” (CHAVES, 2011, p. 1), nossa metodologia atém-se à frequência e às várias maneiras como o conectivo “e” é empregado. Na sequência, tomamos como foco de análise a pontuação da escrita autobiográfica, no que tange à presença do travessão em Graciliano Ramos. Analisaremos os motivos pelos quais o narrador das *Memórias* investe no recurso do travessão, culminando em marca ou estilo de linguagem na escrita autorreferencial. Esse artifício discursivo permite ao enunciador inscrever-se no texto e evidenciar uma visão tanto de mundo quanto de si mesmo enquanto figura pública, contribuindo, assim, para a produção de sentidos viabilizada no texto. Por último, e talvez o ponto principal deste artigo, traremos à tona uma recorrência no emprego do travessão e do conectivo “e”; este traço de estilo certamente vem ao encontro da nossa análise, cuja variedade de aplicações do travessão e da conjunção “e”, atreladamente, viabilizaria um leque de possibilidades de produção textual capaz de imprimir no texto memorialístico um “quê” de discurso romanesco como sua força de enredo.

O estilo do escritor reflete o modo característico com que ele seleciona, ordena e imprime suas marcas autorais no texto, geralmente referidas como peculiaridades artísticas. Conseqüentemente, quando consideramos a arte literária como escolha individual de expressão comunicativa, evidenciamos a forma com a qual o escritor lega no (e pelo) discurso características da própria personalidade. Nesse sentido, valendo-nos do aporte teórico de Chaves (2011), para quem a distinção saussurreana entre *langue* e *parole* aponta que o “estilo, então, é resultado das escolhas individuais que a *langue* propicia”, compreendemos a noção de sistema,

segundo a qual *parole*, por seu caráter de multiplicidade, “propicia uma enorme gama de funções a serem observadas a fim de perceberem o estilo” (CHAVES, 2011, p. 2).

Sendo assim, baseados nessa digressão teórica, entendemos que o signo linguístico, diferentemente da arbitrariedade que a *langue* imprime ao falante (no caso escritor), quando compreendido como marca de estilo, é necessariamente motivado. Logo, se atentarmos para a presença marcante do conectivo “e”, em seus variados modos de utilização nas *Memórias do cárcere*, decerto certificaremos (a partir da análise de algumas passagens), que esse traço estético presente na linguagem de Graciliano Ramos assume valores variados dentro do sistema da língua. Um exemplo pertinente dessa multiplicidade de funções que o “e” pode assumir pode ser visto em dois trechos: um em que há prevalência do valor aditivo do qual o “e” está investido, e outro, em que pesa o sentido adversativo como investimento conectivo do “e”.

2. A multifuncionalidade do “e”

Ao compor seus textos autobiográficos, o próprio Graciliano Ramos dá mostras de domínio da gramática como alguém que “caprichava na sintaxe e metrificava ironias” (RAMOS, 2011, p. 38). Usando da conjunção “e” aditivamente, torna-se clara a cadeia coesiva manifesta na preocupação descritiva das suas ações, quando um agente editorial argentino objetivava publicar um texto seu em alguma revista argentina:

Benjamin Garay andava a traduzir-me um livro, a dizer que o traduzia, e forçava-me a gastar papel e tempo numa correspondência longa. Ultimamente me exigia colaboração para não sei que revista de Buenos Aires. Pensei num conto deixado na gaveta, sapecado, cheio de abundantes minúcias exasperadoras, e, a lápis, em pedacinhos de papel arrancados da carteira, sugeri a minha mulher que tirasse duas cópias dele e mandasse uma a Garay. Bebendo conhaque, vendo em colinas e planície desdobrarem-se [...] (grifos nossos) (RAMOS, 2011, p. 38-39).

Nota-se a articulação sintática valer-se da função prototípica aditiva do *e* como recurso conjuntivo de encadeamento das ações do personagem autobiográfico — e isso não é incomum na língua portuguesa. Mas, seguindo a cadeia oracional da primeira frase do parágrafo citado, é singular a ordenação da sequência enunciativa, cuja frase apresenta dois conectivos aditivos (*e*) como desfecho frasal: “*e* forçava-me a gastar papel *e* tempo numa correspondência longa” (RAMOS, 2011, p. 38). Por conseguinte, na segunda frase da citação em destaque, a supressão do verbo “escrever” (ou outro qualquer) parece ser motivada pelo *e*: “(...) minúcias exasperadoras, *e*, a lápis, em pedacinhos de papel (...)” (RAMOS, 2011, p. 39). E os demais usos

do *e* dão-se por conta da aplicação prototípica de encadeamento lógico. Nesse sentido, quando consideramos que Graciliano Ramos é um escritor declaradamente contrário aos excessos de conjunções, preposições e pronomes, certamente aquilo que se mostraria um dado corriqueiro (o uso do *e* com função aditiva) se revela uma peculiaridade digna de ser apontada. Em outras palavras, para alguém que não tem por hábito o uso largo dos conectivos, é de se estranhar a aplicação do termo *e* na tessitura textual da autobiografia de Ramos. Isso se mostra uma marca de estilo na escrita do autor, a saber: o uso do “e” na composição dos seus trabalhos literários, e visto aqui, mais especificamente, em *Memórias do cárcere*.

Em outras passagens do enredo autobiográfico de Graciliano Ramos, encontramos o conectivo *e* funcionando como conjunção consecutiva e como marca importante na estética literária do autor. Um bom exemplo do valor consecutivo adquirido pelo conectivo *e* ressalta a sequência das passagens em que Graciliano Ramos objetiva narrar acontecimentos durante o trajeto marítimo no navio-prisão Manaus, veículo no qual os presos foram alocados como animais a caminho do confinamento. A sequência das ações é clara, ao melhor modo de um diário de viagens:

Nos cantos figuras indecisas se abatiam, como trouxas, e do ponto em que me achava não me era possível distinguir o movimento leve das redes. Centenas de pulmões oprimos, ressoar difícil, perturbado por constante rumor de tosse. Punha-me a tossir também, erguia-me sufocado, em busca de ar, levantava os braços e quase alcançava o teto baixo, a tampa da nossa catacumba. Provavelmente o fumo agravava a dispneia; não me resolvia a deixá-lo, e como os fósforos escasseassem, adotei o recurso de fumar sem intervalo, acendendo um cigarro no outro que se acabava (RAMOS, 2011, p. 109)

Vemos que, no caso acima, o conectivo *e* contribui significativamente para uma progressão das ações ao nível do discurso de matiz testemunhal. É possível notar que o narrador, de forma geral, evita usos de conjunções, mas não abstém da utilização do termo *e* no encadeamento das ações. Na primeira frase, o valor consecutivo justifica a visão dificultada do narrador como consequência do péssimo lugar que ocupava; de onde estava, não era possível a Ramos enxergar os personagens dormindo em suas redes: “Nos cantos figuras indecisas se abatiam, como trouxas, *e* (em consequência) do ponto em que me achava não me era possível distinguir o movimento leve das redes” (RAMOS, 2011, p. 109).

Já na terceira frase do parágrafo em questão, o conectivo *e*, embora não se apresente posposto a vírgula alguma, pois virgulação não há neste caso, o valor consecutivo pode ser justificado pelo fato de o narrador conseguir alcançar o teto ao levantar dos braços: “Punha-me a tossir também, erguia-me sufocado, em busca de ar, levantava os braços *e* (consequentemente) quase alcançava o teto baixo, a tampa da nossa catacumba” (RAMOS, 2011, p. 109). E, por

último, o efeito consecutivo proporcionado pelo conectivo *e*, que tradicionalmente é considerado aditivo, denota, como consequência da escassez dos fósforos consumidos pouco a pouco, que Ramos fumou ininterruptamente, acendendo um cigarro no outro. De acordo: “Provavelmente o fumo agravava a dispneia; não me resolvia a deixá-lo, e como os fósforos escasseassem, adotei o recurso de fumar sem intervalo, acendendo um cigarro no outro que se acabava” (RAMOS, 2011, p. 109). A princípio, a ocorrência de três conectivos aditivos com valor consecutivo em um parágrafo pode parecer irrelevante, mas, em se tratando de obra escrita por Graciliano Ramos, qualquer conectivo é um “achado”, e, se esse recurso se repetir em igual funcionamento, logicamente esse fragmento textual serve de exemplo, muito embora isso se repita em toda obra *Memórias do cárcere*.

3. O travessão como marca de estilo

Considera-se o travessão um recurso de escrita caracterizado por atribuir ao discurso pausas rítmicas que, se forem pronunciadas, munirão a fala de entonações indicativas de inconclusão frasal. Ou seja, o travessão é um sinal de pontuação especialmente usado para assinalar, no texto, interrupções momentâneas de fala ou mudança de entonação no discurso. De acordo com Rocha Lima (2010), “o travessão é uma das espécies de sinais de pontuação com vista a assinalar a pausa ‘que não quebra a continuidade do discurso’” (ROCHA LIMA, 2010, p. 551). O travessão estaria, portanto, no mesmo grupo classificatório que a vírgula, os parênteses, o ponto e vírgula e os dois pontos, e esses sinais serviriam para apontar que a frase encontra-se em suspensão provisória de encadeamento discursivo. Já Cunha e Cintra (1985) afirmam que o travessão serve para caracterizar o recurso melódico dentro da frase, e não a pausa. Tanto assim, que, para Cunha e Cintra (1985), o travessão não está no mesmo grupo que a vírgula e o ponto e vírgula, pois sua distinção classificatória é outra: o travessão é um sinal de pontuação de matiz melódica cuja “função essencial é marcar a melodia, a entonação” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 625), e estaria em outro grupo, juntamente com as aspas, as reticências, o ponto de exclamação, os dois pontos, o ponto de interrogação, dentre outros.

Com essa problemática distintiva entre pausa e melodia apontada por essas duas gramáticas, devemos ressaltar que, no caso da nossa análise acerca das *Memórias do cárcere* (2011), a distinção não nos parece interessante de se esmiuçar, pois, no quesito pausa e melodia sob o uso do travessão, Graciliano Ramos parece valer-se das duas aplicações, por vezes dificultando essa distinção. Prova da difícil tarefa (no nosso caso, desnecessária) é a nota de

rodapé existente na própria página explicativa de Cunha Cintra (1985), em que destacam, quanto ao uso do travessão: “Esta distinção, didaticamente cômoda, não é, porém, rigorosa. Em geral, os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia” (CUNHA;CINTRA, 1985, p. 625).

No caso de Graciliano Ramos, e, para nós, mais especificamente em *Memórias do cárcere* (2011), o recurso do travessão assume uma variedade de funções que se repetem e marcam a escrita do autor sobremaneira, dando a entender que é, realmente, também o travessão um traço de estilo típico do artista. Há passagens na obra em análise cujo enredo transita ora pelo diálogo típico das conversas entre personagens, ora por digressões explicativas, interrogatórios; ainda, não raramente, o texto mune a estrutura autobiográfica do recurso conhecido como discurso direto livre, além de outras situações nas quais o travessão se mostra convenientemente aplicado.

Exemplo dessa utilização linguística é o momento em que um funcionário do presídio interroga o narrador Graciliano Ramos, assim que este chega à prisão:

O sujeito que me interrogou, escuro e reforçado, certamente estrangeiro, exprimia-se a custo, numa prosódia de turco ou árabe. Nome. Profissão.
— Qual era o cargo que o senhor tinha lá fora? Indagou o tipo.
Sapecou a resposta e acrescentou, à margem, uma cruz a lápis vermelho.
— Que significa isso?
— Quer dizer que o senhor vai para o pavilhão dos primários.
— Por quê? Não entendo.
— É uma prisão diferente (RAMOS, 2011, p. 175).

Como se vê, o interrogatório em formato de entrevista mostra que o emprego do travessão importa na confecção do discurso autobiográfico de Ramos. E isso vem bem a calhar, pois o interrogatório, à semelhança de uma entrevista (guardada as devidas proporções), é um artifício literário amplamente usado pelo autor em meio jornalístico. De acordo com Daniela Bittencourt e Vera Mello (2014, p. 133), no intuito de “atingir o objetivo de comunicar e reportar os acontecimentos vividos pela sociedade, o jornalismo lança mão de modelos de produção pré-estabelecidos”.

Sendo assim, tomando como foco de pontuação o travessão como recurso de estilo na autobiografia de Ramos, inegavelmente, é possível afirmar que, por meio desse sinal, o narrador dá mostras de uma visão de mundo de quem possui ritos de escritas típicos da escrita dos jornais e revistas com os quais colaborou, principalmente como cronista. Além do mais, o artifício da utilização do discurso indireto livre aplicado ao texto autobiográfico imprime características romanescas à obra, que fazem de *Memórias do cárcere* uma obra híbrida, cujas fronteiras dos

gêneros mostram-se de difícil delimitação. Ou seja, ora o texto se assemelha ao discurso historiográfico de caráter testemunhal, ora assume cariz de romance, quando não, se parece com um texto crítico ao melhor modo jornalístico. Quando o narrador parece refletir sobre seu papel de intelectual na sociedade, a subjetividade dessa voz assume matiz de romance. Nessa reflexão o narrador questiona a si mesmo, conforme: “Se eu vestisse farda, pensasse em conformidade com o regulamento, andasse olhando vinte passos em frente, vertical na cadência — um, dois, um, dois — o caso teria explicação duvidosa, mas enfim poderia ter explicação” (RAMOS, 2011, p. 91). Temos, assim, uma digressão retórica marcada pelo duplo uso do travessão com vistas a imprimir um ritmo narrativo semelhante à marcha militar, pois, quando usados em dupla, os travessões registram uma secção enunciativa. Esse tipo de ilustração digressiva, por meio de travessões duplos, mostra duas peculiaridades curiosas: a) o caráter jornalístico, que é contumaz na escrita de Ramos, e b) a marcação do compasso de ordem unida, comum aos soldados e/ou militares de modo geral. Essas duas peculiaridades, jornalística + romanesca conjuntas no discurso autobiográfico, revelam um hibridismo textual como traço de estilo recorrente desse artista nordestino, além, é claro, de isso poder ser visto como um tipo de discurso indireto livre, porque essa decalagem temporal, por meio do duplo travessão, permite que o narrador entregue o turno de fala ao personagem, como se este emergisse à superfície discursiva e, momentaneamente, em um átimo de segundo, participasse da narração. Soma-se a isso, no fragmento acima, além do uso de travessões duplos, o reforço dos verbos no subjuntivo pretérito imperfeito (“vestisse”, “pensasse”, “andasse”) principiadados pela partícula “se” e os verbos aplicados no condicional (“teria”, “poderia”), os quais demonstram, enfim, aproximação com o viés ficcional dos romances, porque a ficção trata não só de ações que aconteceram, mas que poderiam acontecer.

Segundo Garcia (2010), no que concerne ao texto, há “no âmbito da justaposição, uma classe de orações que não pertencem propriamente à sequência lógica das outras do mesmo período, no qual se inserem como elemento adicional, sem travamento sintático” (GARCIA, 2010, p. 144). Essas orações não raramente mostram-se “intercaladas no período”, e nem todas se apresentam entre parênteses, mas entre travessões duplos; “elas se infiltram na frase pelo processo de justaposição” e, no entanto, muitas aparecem marcadas por um único travessão, encontrando-se no fim e não no meio [entre, *inter*] do período” (GARCIA, 2010, p. 144).

4. O travessão anteposto ao “e”

Quando falamos, na primeira parte deste artigo, acerca do conectivo *e*, ressaltamos as múltiplas facetas funcionais que este conectivo prototipicamente aditivo pode assumir. Também nos referimos, na seção anterior, sobre o uso do travessão como traço ou marca de estilo em *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos. Em consequência, enfatizamos as várias maneiras com que o autor faz uso desse recurso em seu trabalho artístico. Entretanto, quando o conectivo *e* aparece posposto ao travessão como traço estilístico, isto se torna mais que relevante, principalmente, dada a raridade com a qual este recurso (travessão mais “e”) é empregado na escrita de modo geral, quando comparado a outros tantos recursos aplicados separadamente: “e” sem travessão ou o travessão sem o “e”.

Outro dado importante em *Memórias do cárcere* é o fato de haver uma pluralidade de aplicações com o travessão seguido de “e”, mas de certo algumas aplicações concernentes às respectivas funções são mais recorrentes: a) a marcação inicial do discurso indireto livre de valor consecutivo; b) o discurso indireto livre com função adversativa; c) recurso com valor modal.

No caso de *Memórias do cárcere*, esse artifício de composição textual chama a atenção do leitor pela constância da utilização. Isto é, quando atentamos para o fato de que Graciliano Ramos opta por uma escrita na qual minimiza-se o recurso aos conectivos de modo geral, mas não evita a utilização do *e*, por exemplo, obviamente, ao marcar presença após o travessão reiteradamente, o termo *e* consolida este recurso linguístico (— e) como um dos estilemas mais recorrentes no discurso autorreferencial.

Diante do exposto, pode-se ressaltar o momento em que Graciliano Ramos constrói seu discurso crítico à administração pública brasileira, bem como à péssima distribuição de renda na sociedade, quando o “comerciante e o industrial roíam sem pena o consumidor esbrugado” (RAMOS, 2011, p. 61). Nesse contexto, a narração assume um certo teor argumentativo que exige uma afirmação (“certeza”) seguida do recurso de conexão modal com fins de elucidação do argumento do narrador: “Com toda certeza essa gente arregalava os olhos espantada — e nos de cima o espanto se mudava em ódio, nos de baixo começava a surgir uma indecisa esperança” (RAMOS, 2011, p. 61). Obviamente, nesse contexto, a afirmação da espécie de recurso não é precisa; uns enxergarão no travessão seguido de *e* um valor explicativo, outros, adversativo; no entanto, isto só contribui para nossa proposta de ressaltar a pluralidade de funções que este recurso linguístico possui (— e), principalmente no que tange ao estilo autobiográfico de Ramos.

Já em outro aspecto, e no parágrafo seguinte, em digressão memorialística acerca de um certo tio Abílio, o narrador evidencia a ação revoltosa praticada pelo parente. O tio Abílio fora homem rude, mas valente e decidido: “Bem. Agora essa criatura singular (tio Abílio), incapaz do retrocesso ou hesitação, possuía um roteiro — e, sem olhar atalhos e desvios, andaria seguro para a frente (...)” (RAMOS, 2011, p. 61). Nessa tomada memorialística, podemos depreender um certo valor consecutivo, pois, embora a revolução na qual Abílio havia se envolvido fracasse, em consequência da integridade de caráter e sua firmeza de decisão política, o tio de Graciliano Ramos segue o seu roteiro revolucionário. Por este ângulo, o travessão anteposto ao *e* pode ser lido como uma elocução consecutiva, mas, como as demais aplicações, a abertura semântica do recurso permite outras compreensões na cadeia de sentidos. Em outras passagens, o recurso do travessão seguido do *e* reveste-se de sentido aditivo, quando o narrador relembra um certo personagem Capitão Mata, preso pela ditadura, que: “Afirmara não ser comunista — e dissera a verdade: estava fora do Partido” (RAMOS, 2011, p. 45). Sendo assim, temos mostra da multiplicidade que o recurso do travessão seguido do conectivo (*e*) é capaz de proporcionar ao texto. Variando suas aplicações retóricas, o autobiógrafo das *Memórias do cárcere* consegue, com a junção do sinal gráfico (ou de pontuação) ao termo *e*, proporcionar compreensões variadas na configuração do enredo. Tal artifício se revela traço claro no manejo da língua, no que concerne ao texto confessional.

A recorrência do estilema (—e) foi referida por sua larga e sortida utilização em Graciliano Ramos, porém, resta-nos ainda apontar, de maneira analítica, as não poucas vezes em que o *e* posposto ao travessão aparece no enredo de *Memórias do cárcere*, de modo repetido e reiterante, no que tange ao seu valor consecutivo. Em outras palavras, há passagens, quase capítulos inteiros, em que o autor se vale dessa construção conjuntiva com um único valor. E a sequência é tão óbvia, que avulta no texto o encadeamento das ações com vistas a determinada função sintática. Quando o narrador revela ao leitor sobre um castigo imposto, os presos dentro do complexo penitenciário sofrem uma pena de uma semana sem recreação, mas o castigo alonga-se por além da conta: “Haviam-se (os administradores do presídio imposto) uma (pena)de sete dias — e estiravam-na, quadruplicavam-na” (RAMOS, 2011, p. 289). Fica clara a viabilidade de comutação por uma conjunção adversativa; caberia bem o uso do porém, mas, dentre as demais palavras conectivas adversativas, esse valor conjuntivo é investido do travessão seguido de *e*. Logo a seguir, insiste tanto no argumento quanto no investimento adversativo: “Regressávamos à condição humana, impunham-nos um castigo — e percebíamos que era embuste” (RAMOS, 2011, p. 290).

Esse bom exemplo de reiteração conectiva de mesma função adversativa ocorre no capítulo “XIII”, da segunda parte das *Memórias do cárcere*, nomeado “Pavilhão dos Primários”. Nesse capítulo, a utilização do travessão conjunto ao *e* se repete claramente, como claro também é o valor adversativo que estes recursos se mostram no capítulo em questão, o “XIII”. Os presos pagam pela indisciplina dentro do presídio, recebem castigo e privações internas, como perda do banho de sol, por exemplo, porém os funcionários da instituição penal não cumprem com o prometido quando os mesmos detentos se comportam bem: “Satisfeita a exigência, a vítima quer libertar-se— e isto é impossível” (RAMOS, 2011, p. 292). Destarte, a passagem conota valor adversativo no que tange ao travessão e ao *e*, dando sequência à cadeia de usos desse recurso com valores adversativos, doravante, mais frequentes, mas ainda no mesmo capítulo oitavo da segunda parte da autobiografia de Ramos, e no mesmo ensejo de aspiração por tratamento mais humano dos seus personagens. Notadamente: “Consumiu-se no desejo de sair — e a realização desse desejo o apavora” (RAMOS, 2011, p. 293). A decisão poderia ser apresentar um conectivo adversativo sem perda ou desvio de sentido; logo, a seguir, a frase parece “pedir” a conjunção *mas*: “Daremos o golpe — e ficaremos” (RAMOS, 2011, p. 293). Com a frequência que o mesmo recurso estilístico é empregado, — + *e*, sendo aqui esmiuçado, fica-nos a certeza que este artifício de composição na escrita de Graciliano Ramos constitui um traço de estilo no seu fazer literário.

5. Resultados

Realizada a análise de alguns traços de estilo na escrita memorialística de Graciliano Ramos, certificou-se por meio do exame das *Memórias do cárcere* que há, com frequência, o uso do conectivo *e*, do sinal de travessão (—) e, muito perceptivelmente, o uso dos dois recursos, ou seja, o travessão conjunto ao *e* (— e). Evidenciou-se a multiplicidade que o *e* pode assumir no enredo autoconfessional, com vistas a diversificar o uso do conectivo (*e*) tradicionalmente referido por conjunção aditiva. Na sequência, apontamos alguns modos característicos como o autor Graciliano Ramos lança mão do travessão nos seus enunciados, a saber: discurso indireto livre, digressões explicativas e discurso direto.

Por último, ficou a demonstração de que, considerando o tamanho da autobiografia de Graciliano Ramos e a recorrência do travessão seguido do *e* com investimento de valores conjuntivos, principalmente, nas sequências de matiz adversativa, com os quais esses traços estilísticos são empreendidos no discurso autorreferente, esses empregos linguísticos são

bastante e frequentemente utilizados nas *Memórias do cárcere*. No caso dos muitos valores adversativos que os recursos aqui apontados podem assumir, pode-se afirmar que, com tal traço de estilo, revela-se mais que possível entender as ideias contidas no respectivo texto como um posicionamento crítico de Ramos “adverso” ao que ocorre na política brasileira. Ou seja, o narrador se mostra contrário aos acontecimentos por ele narrados em perspectiva historiográfica: um descontente com a história social da nação; um insatisfeito, um intelectual que se lança na empreitada de denunciar as ações desrespeitosas (para não dizer monstruosas) da política ditatorial do governo de Getúlio Vargas.

Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Daniela Silva de; MELLO, Vera Helena Dentee de. O uso do travessão como recurso de estilo no discurso jornalístico. *Colóquio: revista do desenvolvimento regional*. Volume 11, n. 2, Taquara, RS: FACCAT, 2014.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

CHAVES, Charleston de Carvalho. Os aspectos estilísticos no uso das conjunções. *Palimpsesto: revista do programa de Pós-graduação em letras da UERJ*. Ano 10, n. 13, Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

CHIARA, Ana Cristina. Memórias extremas: Graciliano Ramos e Carolina de Jesus. In: ROCHA, Fátima Cristina Dias (org.). *Literatura Brasileira em Foco*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Abstract

This communication is based on the writing of Graciliano Ramos, more specifically in *Memoirs of Prison* (2011), having as its central theme the stylistic trait focused on the use of the connective “and” that it is postponed to the dash, as well as for the various facets its uses. It takes as an investigative goal the adversative and consecutive aspect that covers the term “and”, which is traditionally considered as an additive conjunction. Add to this, the attention to the constant use of “and” along

with the dash (-), in order to connote a certain emphasis or enhancement of autobiographical plot. It is considered that the connective "and" (together with the dash) as an artifice of textual composition used to separate expressions or explanatory phrases in the management of self-referentiality); since it is an autobiography.

Keywords: Graciliano Ramos; Memoirs of Prison; Connectives.